

A PRÁXIS do SINDICATO ESTUDANTIL JUNTOS 100%: um “pé” de Paulo Freire no solo do CIEJA Profa. Rosa Kazue Inakake de Souza

Roberto Jorge Guanaes Simões¹

Ana Lucia de Souza²

Onézio Eufrazio da Cruz³

Angélica de Jesus Batista⁴

RESUMO

Paulo Freire foi preso e exilado pela Ditadura Militar muito em função do histórico projeto de alfabetização de camponeses desenvolvido na cidade de Angicos, Rio Grande do Norte, em 1963. As forças reacionárias temiam a difusão nacional dessa exitosa experiência. Em 1989, Erundina assume como Prefeita da Cidade de São Paulo, empossando Paulo Freire como Secretário Municipal de Educação. Freire fica à frente da SME até o final de maio de 1991. Não obstante, a gestão da Prefeita Erundina plantou sonhos e lutas freirianos no chão das escolas municipais. Destacam-se a implantação do Grêmio Estudantil e a promoção do ensino noturno para jovens e adultos. Portanto, a práxis político-crítico-reflexiva de gremistas da EJA chega aos nossos dias como símbolo da luta freiriana por uma Educação Democrática e Libertadora. O Vozes Estudantis em Movimento (VEM) foi criado pela Divisão dos Centros Educacionais Unificados (DICEU) da Diretoria Regional de Educação de Guaianas (DRE-G) diante (1) da necessidade de instituir um tempo-espaco de diálogo entre os gremistas da DRE-G, e (2) do anseio de promover e visibilizar ações de protagonismo infanto-juvenil do território. A destacada participação do Sindicato Estudantil no 6º VEM motivou-nos a entrevistar Flávio Eduardo Ferreira com vista a conhecermos os fundamentos político-pedagógicos de seu trabalho como professor-orientador desse grêmio. Foi possível detectar a presença de bases freirianas na prática docente relatada pelo professor Flávio. Os dados sinalizam que os gremistas estão desenvolvendo criticidade, autoconfiança e protagonismo por meio de uma práxis de lectoescrita crítico-reflexiva.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos (EJA), Grêmio Estudantil, Vozes Estudantis em Movimento (VEM), Educação Democrática e Libertadora, Paulo Freire

INTRODUÇÃO

Paulo Freire recusa a ideia de que a história é determinada de modo absoluto pela luta entre as classes sociais. Embora seja impossível compreender a história desconsiderando a luta de classes, não há transformação das relações socioeconômicas sem os sonhos de mulheres e homens (FREIRE, 2021, p. 125-126).

Sonhos e lutas dos oprimidos e reacionarismo e egoísmo dos “donos do mundo” marcam profundamente a história da Educação no Brasil. No início dos anos 1960, quase 40% dos jovens e adultos brasileiros eram analfabetos. Em 1963, na cidade de Angicos, Rio Grande do Norte, Paulo Freire coordena um projeto de alfabetização de trabalhadores rurais. A

¹ Mestre pelo Curso de **Biotecnologia** da Univ. de Mogi das Cruzes – SP, roberto.jorge@sme.prefeitura.sp.gov.br;

² Graduada pelo Curso de **História** da Univ. de Mogi das Cruzes – SP, luciasouza@sme.prefeitura.sp.gov.br;

³ Graduado pelo Curso de **Educação Artística** da Fac. Marcelo Tupinambá – SP, ocruz@sme.prefeitura.sp.gov.br;

⁴ Doutoranda do Curso de **Geografia Humana** da USP – SP, angelica.jesus@sme.prefeitura.sp.gov.br.

alfabetização se dava a partir de palavras geradoras extraídas de “questões existenciais dos alunos”, tais como “trabalho, saúde, educação, lazer” (HADDAD, 2019b, p. 142).

Em apenas 45 dias, foram alfabetizadas cerca de 350 pessoas — cortadores de cana-de-açúcar — sem a utilização de cartilhas, tendo o ponto de partida a própria vivência dos sujeitos. Foi uma grande revolução na área pedagógica, e parecia que o analfabetismo teria seus dias contados. (SANTOS, 2021, p. 112)

A pedido de Jango, Freire “preparava um programa nacional de educação” (HADDAD, 2019b, p. 142). Todavia, as trevas da Ditadura Militar caem sobre o Brasil. Após 75 dias no cárcere, Paulo Freire parte para um exílio que duraria 15 anos (GADOTTI, 1996, p. 72; HADDAD, 2019b, p. 143). As forças reacionárias temiam a difusão da exitosa experiência de Angicos.

Ao ganhar dimensão nacional, os golpistas intuíram que o programa poderia desestabilizar os poderes constituídos, ao colocar, no curto prazo, uma grande quantidade de pessoas em condições de votar (o voto era então vetado aos analfabetos), impactando os currais eleitorais, mas também, e principalmente, levando os setores populares a influírem de maneira mais consciente e crítica em seus destinos. Seria necessário, portanto, banir e deslegitimar o método, e também seu autor. (HADDAD, 2019b, p. 142)

Por meio da Lei 5.379, de 15 de dezembro de 1967, o general Costa e Silva instituiu o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), cuja função era executar o Plano de Alfabetização Funcional e Educação Continuada de Adolescentes e Adultos. De acordo com Santos (2021, p. 112), o objetivo do MOBRAL era “(...) alfabetizar funcionalmente, para dar oportunidade ao indivíduo, de ingressar no mercado de trabalho que necessitava de mão-de-obra qualificada para atender à demanda das indústrias do ramo automobilístico que estavam se instalando no país.”. Não obstante, difundia-se a farsa de que o MOBRAL empregava o método freiriano das palavras geradoras. Todavia, nesse espaço-tempo de formação, vigorava a censura contra a criticidade dialógica, o uso de materiais desvinculados à realidade dos educandos e o ensino de uma lectoescrita mecanizada (SANTOS, 2021, p. 114). De fato, o MOBRAL “foi um projeto que custou muito caro para os cofres públicos, e não deu resultados expressivos” (SANTOS, 2021, p. 116).

Graças à coragem daqueles que — mesmo sob o risco de prisão, tortura, assassinato e exílio — lutaram por uma Pátria Livre, a noite iniciada em 31 de março de 1964 teve fim em 15 de março de 1985. Nesse mesmo ano, o MOBRAL também foi encerrado. Nossa preciosa Constituição Cidadã é promulgada no dia 05 de outubro de 1988 (SANTOS, 2021, p. 116).

Em 1989, Luiza Erundina assume como Prefeita da Cidade de São Paulo, empossando Paulo Freire como Secretário Municipal de Educação. Já nesse primeiro ano de gestão, a Secretaria Municipal de Educação (SME) cria o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA), cujo “(...) objetivo [era] propiciar uma alfabetização político-reflexiva, conscientizadora, de enfrentamento as desigualdades e injustiças sociais.” (SANTOS, 2021, p. 117). Freire fica à frente da SME até o final de maio de 1991, sendo substituído pelo filósofo Mario Sergio Cortella. Não obstante, a gestão da Prefeita Erundina plantou outros sonhos e lutas freirianos no chão das escolas municipais. Destacam-se a implantação do Conselho Escolar e do Grêmio Estudantil, e a promoção do “atendimento noturno para jovens e adultos” (HADDAD, 219a, pp. 207-208).

Portanto, a práxis político-crítico-reflexiva de gremistas da EJA chega aos nossos dias — de ataques à Democracia e às estruturas republicanas — como símbolo da luta freiriana por uma Educação Democrática e Libertadora.

O Vozes Estudantis em Movimento (VEM) foi criado pela Divisão dos Centros Educacionais Unificados (DICEU) da Diretoria Regional de Educação de Guaianases (DRE-G) diante (1) da necessidade de instituir um tempo-espço de integração, diálogo e troca de experiências entre os gremistas da DRE-G; e (2) do anseio de promover e visibilizar ações de protagonismo infanto-juvenil do território. O 1º VEM aconteceu em 11 de agosto de 2017, no Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes. O 2º VEM (2018) foi realizado no CEU Água Azul (CEU Prof. Paulo Renato Costa Souza), localizado na Cidade Tiradentes. As edições dos anos 2019 (3º VEM) e 2023 (7º VEM) também foram sediadas pelo CEU Água Azul. Em razão da Pandemia de COVID-19, o 4º (2020) e o 5º VEM (2021) ocorreram em ambiente virtual. O CEU Barro Branco (CEU Enedina Alves Marques), também na Cidade Tiradentes, sediou o 6º VEM (2022). A definição das atrações culturais do VEM é pautada pelos seguintes critérios: (1) opiniões, sugestões e vontades dos estudantes; (2) cenas e tendências culturais do território; (3) possibilidades de parcerias com os artistas. No palco do VEM, alunos artistas e artistas já conhecidos na cena hip-hop paulistana utilizam a literatura marginal, o rap, a moda, a produção audiovisual, o *slam* etc. para combater o racismo, o machismo, a misoginia, o feminicídio, a violência policial, o extermínio da população preta e periférica, a exclusão socioeconômica, a intolerância religiosa, a homofobia, a transfobia, o capacitismo e a xenofobia. Em suma, é o hip-hop cumprindo seu papel como arma de combate; como contradiscurso. O rap da Engrenagem Urbana contagia gremistas, educadores e convidados desde o 1º VEM. Na roda de conversa, gremistas, ex-gremistas e artistas — provocados por um tema gerador que se renova a cada VEM — compartilham suas leituras de mundo.

O grêmio estudantil do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) Profa. Rosa Kazue Inakake de Souza é conhecido como Sindicato Estudantil. Quando ainda tinha poucos meses de existência, o Sindicato Estudantil participou do 6º VEM, realizado em 2022. Essa participação suscitou um inusitado encontro intergeracional: alunos de 06 a 15 anos interagindo com alunos de 40 a 80 anos de idade (Figura 1). Experiência tão inusitada quanto valiosa. Como mensurar os potenciais ganhos éticos, estéticos, afetivos, emocionais, intelectuais e culturais para esses alunos? Em tempos de obsolescência programada, de descompromisso com a continuidade da Vida (ameaças de Terceira Guerra Mundial e de apocalipse ambiental), de “desgentificação” de jovens (revitalização do nazifascismo e onda de massacres em escolas) e de desalento (pandemia de distúrbios psicoemocionais e propagação de cracolândias), é imprescindível construir coletivamente um contradiscurso que comunique a urgência da responsabilidade para com o amanhã e a importância de se compreender o passado. Nas palavras de Freire, faz-se urgente construir coletivamente a consciência de que

Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos. (FREIRE, 2023, p. 42)

Figura 1. Diálogo Intergeracional: gremistas do CIEJA Profa. Rosa Kazue e gremistas pré-adolescentes no 6º VEM (2022)



Frame extraído de vídeo enviado pelo professor Flávio Eduardo Ferreira

Como se não bastasse, o Sindicato Estudantil venceu o Concurso de Microcurtas de 01 Minuto 2022. Inspirados pelo tema gerador do 6º VEM — *A diferença enriquece, o respeito nos une.* — os gremistas encenaram diferentes tipos de segregação presentes na sociedade brasileira: brutal desigualdade socioeconômica, segregação racial, discriminação religiosa,

invisibilidade de pessoas com deficiência, violência entre torcedores de times rivais, atual sectarismo político-ideológico. No final do microcurta, os gremistas declamam uma célebre frase do gigante Tata Madiba, transcrita integralmente a seguir:

Ninguém nasce a odiar outra pessoa por causa da cor da sua pele, da classe social ou da religião. As pessoas são ensinadas a odiar, mas se conseguem aprender o ódio também é possível ensinar-lhes o amor, porque o amor é mais inerente por natureza ao coração humano do que o seu oposto. (MANDELA, 2012)

A destacada participação do Sindicato Estudantil no 6º VEM motivou-nos a entrevistar Flávio Eduardo Ferreira, professor-orientador desse grêmio. Nossos intuits foram os seguintes:

- Conhecer as ações do grêmio Sindicato Estudantil e seus fundamentos teóricos.
- Conhecer a prática pedagógica do professor-orientador do Sindicato Estudantil, desvelando seus fundamentos político-pedagógicos.
- Pesquisar a presença de bases freirianas na prática pedagógica do professor-orientador do Sindicato Estudantil, refletindo sobre essas bases.

METODOLOGIA

Um “roteiro de perguntas” foi elaborado (Quadro 1). Não obstante, realizou-se uma “(...) entrevista semiestruturada, que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações.” (LÜDKE; ANDRÉ, 2022, p. 40).

Quadro 1. Roteiro de perguntas

1. Caracterização do entrevistado
 - 1.1 Nome [?]
 - 1.2 Função desempenhada no CIEJA Profa. Rosa Kazue Inakake de Souza [?]
 - 1.3 Há quanto tempo trabalha com EJA?

2. Quem são os alunos do CIEJA Profa. Rosa Kazue (faixa etária, condições de vida, sonhos etc.)?
3. Quem são os gremistas do CIEJA Profa. Rosa Kazue?
4. Qual a importância da implementação do grêmio estudantil para os alunos (gremistas e demais estudantes)?
5. Quais são as características do projeto Grêmio Estudantil no CIEJA Profa. Rosa Kazue? Como o professor-orientador, a equipe escolar, gremistas e demais alunos participam desse projeto? Quais são as características de suas ações?

O contato inicial com o entrevistado foi mediado pelo professor Edson Aparecido Gonçalves, coordenador pedagógico do CIEJA Profa. Rosa Kazue. A entrevista ocorreu nessa escola, no dia 17 de agosto de 2023, respeitando-se a “conveniência” de “local e horário” do entrevistado (LÜDKE; ANDRÉ, 2022, p. 41). Ao longo da entrevista, o pesquisador tomou notas dos pontos mais importantes da fala do participante (LÜDKE; ANDRÉ, 2022, p. 43). Esses pontos foram sistematizados, originando o relatório de prática docente que constitui o Quadro 2. Ao longo da escrita deste trabalho, solicitamos ao professor Flávio informações complementares e esclarecimentos — no que fomos prontamente atendidos. Essa comunicação suplementar fez-se por meio do WhatsApp.

O relatório de prática docente redigido a partir dos dados coletados (Quadro 2) foi analisado qualitativamente. Sobretudo, cotejou-se notas analíticas e “códigos *in vivo*” com “códigos construídos”, extraídos sobretudo de obras de Paulo Freire (FLICK, 2009, p. 279-280).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O relatório de prática pedagógica que compõe o Quadro 2 foi construído por meio da sistematização das notas da entrevista (dados coletados).

Quadro 2. Prática docente de um orientador de grêmio no âmbito da EJA

Flávio é professor de Educação Física, tem 52 anos de idade e leciona no CIEJA Profa. Rosa Kazue desde o ano de 2019. Iniciou a implantação do grêmio nessa escola em 2022. Na ocasião, o entrevistado não tinha experiência anterior com grêmio estudantil. Afirma que a equipe escolar vem estabelecendo um “clima colaborativo” para o seu trabalho de orientação do grêmio.

Segundo o professor Flávio, a maioria de seus alunos tem mais de cinquenta anos de idade. Muitos deles têm histórias de vida difíceis, começando a trabalhar desde muito cedo. Como não tiveram oportunidade de estudar quando jovens, matricularam-se na EJA com o anseio de “recuperar o tempo perdido”. Valorizam muito os professores. Portanto, o entrevistado vê o fato de lecionar no CIEJA como um privilégio, que, em contrapartida, exige que ele “dê o seu melhor”. Não obstante, ao ingressarem no CIEJA Profa. Rosa Kazue, os alunos comumente trazem uma concepção tradicional de aula, caracterizada pela utilização de lousa e giz. Dessa maneira, os alunos iniciantes apresentam resistência momentânea ao semanário da escola, cuja sexta-feira é destinada a atividades culturais e esportivas (p.ex., oficinas de ensino, torneio de dominó, feira cultural, apresentações musicais, gincana, palestras proferidas por profissionais de diferentes áreas, show de talentos etc.). De acordo com o professor Flávio, os estudantes vão superando o estranhamento inicial às atividades diferenciadas do CIEJA por meio do trabalho de conscientização realizado pelos professores.

O grêmio do CIEJA Profa. Rosa Kazue teve início em abril de 2022. As idades de seus integrantes variam entre cerca de 40 e cerca de 80 anos. O entrevistado destaca que os gremistas são bastante atuantes. A chapa Sindicato Estudantil foi eleita por meio de votação digital; dois tablets conectados ao Google Forms constituíram as urnas eleitorais. Porém, como costuma acontecer na EJA, alguns gremistas tiveram que deixar a escola. Sendo assim, o grêmio foi completado com membros da chapa Juntos 100%, que havia ficado na segunda colocação. Por isso, o grêmio passou a ser chamado de Sindicato Estudantil Juntos 100%, sendo também conhecido por seu nome de origem: Sindicato Estudantil.

Ao iniciar o mandato, o Sindicato Estudantil levantou as propostas, necessidades, demandas e reclamações dos alunos do CIEJA Profa. Rosa Kazue. Dentre os anseios detectados, destacam-se os seguintes: realização de uma festa junina que integrasse toda a escola; divulgação interna do semanário de atividades pedagógicas; elaboração e divulgação de regras para o refeitório. O Sindicato Estudantil reuniu-se então com a gestão escolar a fim de refletirem sobre a factibilidade do conjunto de propostas do grêmio.

Com ajuda do professor Flávio, o grêmio produz vídeos criativos utilizando smartphone. Por meio desses vídeos, informações (p.ex., resultados das reuniões com a gestão escolar, convites para reuniões, mobilização para a organização de festas etc.) são divulgadas a toda a escola. Esse método de comunicação contorna a dificuldade dos gremistas de estarem todos juntos em todos os períodos de funcionamento da escola.

O professor Flávio utiliza-se da linguagem escrita para propor pautas de trabalho (p.ex., sugestões de roteiro de vídeo) ao Sindicato Estudantil. Essas pautas iniciais são discutidas e reescritas coletivamente. O entrevistado relata que, no início, os gremistas quase não propunham alterações nas sugestões feitas por ele. Esses estudantes não se sentiam confortáveis para questionar as propostas do professor. Aos poucos, foram se tornando confiantes, empoderados e protagonistas. Hoje o processo crítico-reflexivo é bastante intenso, de maneira que as pautas finais pouco se parecem com as sugestões iniciais do professor.

O professor Flávio insiste na necessidade de promover a consciência de que o Grêmio Estudantil deve priorizar ações que atendam diretamente às necessidades do alunado. Este ano, o Sindicato Estudantil organizou uma festa julina no CIEJA. O grêmio coordenou a arrecadação de prendas (alimentos), utilizando-as na premiação das brincadeiras da festa, das quais os estudantes participaram gratuitamente. Segundo o professor Flávio, as brincadeiras ocorreram das 7h30min às 22h. Ainda assim, sobrou

uma quantidade significativa de prendas. Com esses alimentos, os gremistas já montaram cestas básicas que em breve serão doadas a alunos que estiverem mais necessitados. O Sindicato Estudantil também já conquistou a manutenção dos computadores destinados aos estudantes, mesas novas para o refeitório e aulas de inglês. Por fim, o entrevistado ressalta o envolvimento do grêmio na luta da comunidade escolar pela implantação do Ensino Médio no CIEJA Profa. Rosa Kazue.

Sem “(...) que o índice de analfabetismo entre os adultos do país tenha sido superado.”, a EJA vem sofrendo um processo de “juvenilização”, ou seja, ano após ano, a quantidade de alunos adultos diminui ao mesmo tempo em que aumenta o ingresso de jovens com experiências escolares anteriores (SANTOS; PEREIRA; AMORIM, 2018, p. 124-126). Todavia, os dados coletados dizem que a maioria dos alunos do CIEJA Profa. Rosa Kazue tem mais de cinquenta anos de idade. Essa relativa uniformidade etária pode diminuir a desordem nas relações entre os sujeitos do tempo-espaço escolar. Por outro lado, empobrece as possibilidades de trocas culturais, éticas e estéticas entre esses sujeitos. Nos extremos, o (des)encontro intergeracional pode levar ao abandono escolar ou “(...) pode ser um fator motivador de novas aprendizagens e relações.” (SANTOS; PEREIRA; AMORIM, 2018, p. 127).

O perfil discente descrito pelo entrevistado coaduna-se com o que dizem Paiva e Sales (2013, p. 5 apud SANTOS; PEREIRA; AMORIM, 2018, p. 127) ao tentarem categorizar os sujeitos da EJA: “Pertencimento aos extratos mais empobrecidos da sociedade parece ser uma marca forte na constituição da identidade dos sujeitos da EJA, ou seja, os sujeitos da EJA são os excluídos da sociedade”. Assim como Siqueira (2009 apud FERREIRA; MARTINELLI, 2016, p. 315), o professor Flávio refere-se ao termo “recuperar o tempo perdido” como um dos motivos para adultos retornarem à Escola.

De acordo com os dados, o abandono escolar é comum na EJA. Com efeito, Santos, Pereira e Amorim (2018, p. 126) dizem que o aluno da EJA “abandona e retorna muitas vezes ao espaço escolar”. Nada mais compatível com uma população tensionada entre a necessidade imediata de sobrevivência e a experiência cotidiana com “a pequena remuneração disponível para os empregos de baixa qualificação” (FERREIRA; MARTINELLI, 2016, p. 315).

A análise qualitativa dos dados mostra que uma das formas de comunicação entre o professor Flávio e os gremistas consiste-se numa prática pedagógica de reescrita coletiva. Os dados sinalizam que essa atividade de lectoescrita “não se esgota na decodificação pura da palavra escrita” (FREIRE, 2003, p. 13). Seu fim não é a “memorização mecânica” de uma pauta de trabalho imposta pelo professor (FREIRE, 2003, p. 31).

A memorização mecânica da descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso é que a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto, é feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela portanto resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala. (FREIRE, 2003, pp. 31-32)

Ao refletirem profunda e coletivamente sobre o texto, os alunos constroem a “percepção crítica” sobre ele e seu objeto (FREIRE, 2003, p. 28). Por outro lado, considerando que os textos (re)construídos visam orientar as ações do Sindicato Estudantil, é possível afirmar que os gremistas têm a oportunidade de vivenciar o conceito freiriano de práxis. “Práxis que, sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação.” (FREIRE, 1981, p. 108). Mobilizando sinergicamente “palavramundo” (complexo linguagem/realidade) e ação, a prática pedagógica promove a “compreensão crítica da importância do ato de ler” (e de escrever – lectoescrita) para a (re)organização e (re)formulação do complexo pensamento/ação (práxis) (FREIRE, 2003, pp. 13-14, 28). De acordo com os dados, os gremistas estão desenvolvendo criticidade, autoconfiança e protagonismo. Estão libertando-se do pensamento de que não são capazes de questionar e transformar aquilo que lhes é “imposto”. Com efeito, o exercício de uma lectoescrita crítico-reflexiva qualifica a “releitura” de nosso “estar no mundo”, desvelando-se, assim, as intrincadas condicionantes (e não determinantes) de nossa situação (sempre transitória) (FREIRE, 2003, p. 43; FREIRE, 2000, pp. 21, 31). Nas palavras de Freire (2003), “Esta ‘leitura’ mais crítica da ‘leitura’ anterior menos crítica do mundo possibilitava aos grupos populares, às vezes em posição fatalista em face das injustiças, uma compreensão diferente da sua indignação.” (p. 43).

Portanto, os dados revelam as seguintes opções político-pedagógicas: envolver o gremista em seu próprio processo de libertação; conscientizá-lo de seu compromisso para com os eleitores; promover a ética e a estética da solidariedade. Aliás, é razoável extrapolar a análise supondo que o avivamento da democracia no chão da escola, promovido pela implementação de um grêmio crítico-reflexivo e ético, espraia desenvolvimento intelectual e político por toda a comunidade escolar. A própria utilização de “urnas eletrônicas” na eleição do grêmio, de per si, já constitui uma forma de enfrentamento com os recentes ataques infundados e disparatados contra o sistema eleitoral brasileiro.

A interpretação dos excertos que se referem à votação digital e à produção e difusão de vídeos (Quadro 2) origina a seguinte nota analítica: inclusão digital por meio da exploração crítico-reflexiva, criativa e coletiva das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Mais uma vez, supomos que os beneficiários dessas práticas pedagógicas não são apenas os gremistas. Os eleitores e a equipe escolar também são atingidos por essas ações de inclusão

digital. A conscientização da comunidade escolar empregando-se um recurso midiático popular nos lembrou a canção *Zé do Carçoço*, de Leci Brandão (Quadro 3).

Quadro 3. Letra da música *Zé do Carçoço*, de Leci Brandão

Zé do Carçoço
Leci Brandão

No serviço de alto-falante
Do morro do Pau da Bandeira
Quem avisa é o Zé do Carçoço
Que amanhã vai fazer alvorçoço
Alertando a favela inteira
Como eu queria que fosse em Mangueira
Que existisse outro Zé do Carçoço (Carçoço, Carçoço)
Pra dizer de uma vez pra esse moço
Carnaval não é esse colosso
Nossa escola é raiz, é madeira
Mas é o Morro do Pau da Bandeira
(...)

Fonte: PRETTO; BONILLA; SARDEIRO (2010)

Contudo, devemos observar que — apesar da escassez de tempo que marca a trajetória escolar dos alunos trabalhadores — a transmissão de informação por meio de vídeos deve ser suplementada pelos famosos “recados de sala em sala”; presenciais, síncronos e, por isso mesmo, mais dialógicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O § 1º do artigo 37 da LBD de 1996 assegura “(...) gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.” (BRASIL, 1996). Portanto, a legislação atual estabelece a EJA como uma modalidade de ensino específica, adequada aos aspectos da vida adulta. Todavia, é necessário destacar que a LDB não explicita a necessidade de construção de uma EJA crítica, conscientizadora e libertadora. Para além dos “avanços” do direito positivo, em última análise, são as práticas pedagógicas que promoverão, ou não, os ideais de uma Educação “emancipatória e libertadora” (SANTOS, 2021, p. 119). Com efeito, a recente onda neofascista

nos lembrou que nem mesmo a Vida, a Liberdade e a Democracia estão definitivamente garantidas pela Constituição Cidadã. Nas palavras de Mascaro (2017),

As tensões e lutas sociais fazem avançar garantias políticas e jurídicas, mas, quando Estados e direito ameaçam arranhar determinadas distribuições da riqueza ou do poder, direitos humanos são varridos do cenário da própria sociabilidade burguesa. Não é necessário se limitar a casos exemplares da história contemporânea, como o Brasil, a partir de um golpe militar cuja normativa jurídica máxima e simbólica foi o Ato Institucional nº 5, o Chile do horror de Pinochet ou, no extremo, o nazismo e o fascismo. (p. 111)

A escola popular deve promover uma produção cultural (textos, vídeos, peças teatrais etc.) que seja “práxis verdadeira”, por meio da qual os alunos “(...) superam o estado de objetos, como dominados, e assumem o de sujeito da História.” (FREIRE, 1981, p. 187).

As reflexões sobre a práxis do Sindicato Estudantil Juntos 100% e sobre a prática pedagógica do professor-orientador do referido grêmio mostraram que é possível promover a participação, a conscientização e a emancipação dos alunos da EJA por meio de práticas sociopolíticas de fruição e produção cultural.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao professor Flávio Eduardo Ferreira por ter nos concedido a entrevista e por sua abertura às perguntas. Agradecemos também ao coordenador pedagógico do CIEJA Profa. Rosa Kazue, professor Edson Aparecido Gonçalves, pela presteza com que promoveu nosso encontro com o professor Flávio.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional.

FERREIRA, Andressa Ap.; MARTINELLI, Selma de C. Estudantes da Educação de Jovens e Adultos: considerações sobre o perfil e desempenho escolar. **Educação: Teoria e Prática.** v. 26, n. 52, p. 312-331, 2016.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa.** Tradução: Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed; Bookman, 2009. (Métodos de Pesquisa).

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Moderna, 2003. (Palavra da gente, v. 1).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. (Coleção O Mundo, Hoje; v. 21).

GADOTTI, Moacir. A voz do biógrafo: a prática à altura do sonho. In: GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire**: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez, 1996. Primeira parte, cap. 2, pp. 69-115.

HADDAD, Sérgio. **O Educador**: um perfil de Paulo Freire. São Paulo: Todavia, 2019a.

HADDAD, Sérgio. Paulo Freire, o educador proibido de educar. In: CÁSSIO, Fernando (org.). **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019b. cap. 17, pp. 141-147. (Tinta Vermelha).

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U.; GEN, 2022.

MANDELA, Nelson Rolihlahla. **Autobiografia de Nelson Mandela**: um longo caminho para a liberdade. Tradução: Victor Antunes. Lisboa: Planeta, 2012.

MASCARO, Alysson Leandro. Direitos humanos: uma crítica marxista. **Lua Nova**. s/v, n. 101, pp. 109-137, 2017.

PAIVA, Jane; SALES, Sandra Regina. Contextos, perguntas, respostas: o que há de novo na educação de jovens e adultos? **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**. n. 69, v.21, pp.1-14, 2013.

PRETTO, Nelson De Luca; BONILLA, Maria Helena Silveira; SARDEIRO, Carla. Rádio web na Educação: possibilidades e desafios. In: PRETTO, Nelson De Luca; TOSTA, Sandra de Fatima Pereira (org.). **Do MEB à WEB**: o rádio na Educação. São Paulo: Autêntica, 2010. (Cultura, Mídia e Escola).

SANTOS, José Alex Trajano dos. O percurso formativo da Educação de Jovens e Adultos no Brasil: do passado ao presente, revisitando a nossa própria história. **Conecte-se!**. v. 5, n. 9, pp. 101-125, 2021.

SANTOS, Juliana S. dos; PEREIRA, Marcos V.; AMORIM, A. Os sujeitos estudantes da EJA: um olhar para as diversidades. **Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos**. v.1, n. 1, pp. 122-135, 2018.

SIQUEIRA, André Boccasius. O retorno de jovens e adultos aos estudos formais após 20, 30, 40 anos. **Poiésis**. v. 2, n. 1, pp. 32-43, 2009.